

ESTUDO DE CASO PSICOPEDAGÓGICO COM PARCERIA DA ESCOLA

Alaine Lima Fernandes¹

Dr.^a Sônia Maria Alves de Oliveira Reis²

Dr. Arthur Prado Netto³

RESUMO

Este trabalho é resultado de um estudo de caso clínico realizado no curso de especialização *lato sensu* em Psicopedagogia Institucional e Clínica oferecido pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB). O estudo de caso foi desenvolvido a partir das queixas da professora. Tais queixas referem-se ao desinteresse da criança (A.V) em realizar atividades escolares, principalmente relacionadas à leitura e a escrita, sente-se envergonhada por não saber ler e escrever e se irrita com isso. Apresenta muita dificuldade para lidar com regras e fica nervosa por não dominar essa situação. Ao tomar como ponto de partida essa dificuldade, o estudo proposto analisa o contexto social e escolar que envolve o sujeito em questão, objetivando identificar e compreender os possíveis problemas de aprendizagem que interferem no seu processo de aprendizagem da leitura e da escrita. Para a avaliação diagnóstica da aprendente, recorreu-se às provas piagetianas, às projetivas e a outros testes para avaliar o nível de lectoescrita, o cálculo e o desenvolvimento psicomotor. Além desses métodos, também se incluiu na avaliação o diálogo com a mãe e com a professora e a análise dos materiais escolares da criança. Para as análises, tomou-se por base os estudos de Alves; Mousinho; Capellini (2011); Faria; Cunha; Felipe (2007); Farrell (2008); Ferreira; Teberosky (1985); José; Coelho (2008); Sampaio (2014); Visca (2011) e outros. Conclui-se que a Psicopedagogia é necessária para compreender as razões dos problemas de aprendizagem e investigar o ser humano a partir de distintos ângulos e situações.

PALAVRAS-CHAVE: Avaliação psicopedagógica. Problemas de aprendizagem. Dislexia

Introdução

O referido artigo é resultado do estágio clínico, exigência do curso de especialização *lato sensu* em Psicopedagogia Institucional e Clínica oferecido pela Universidade do Estado da

¹ Graduada em Pedagogia Gestão de Processos Educativos pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB); pós-graduada em Sistemas Educacionais: Gestão, Coordenação e Supervisão Escolar pelo Centro de Pós-graduação, Pesquisa e Extensão (CEPPEX); professora da Educação Infantil em Caetitê- BA e do 1º ano do Ensino Fundamental em Guanambi-BA; estudante do Curso de Especialização Lato-sensu Psicopedagogia Institucional e Clínica pela UNEB. E-mail: alainejp@hotmail.com

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais e Psicopedagoga Institucional e Clínica pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC). Professora assistente da Universidade do Estado da Bahia – UNEB. Orientadora deste estudo. Coordenadora e pesquisadora do Núcleo de Estudo, Pesquisa e Extensão Educacional Paulo Freire (NEPE). E-mail. sonia_uneb@hotmail.com

³ Professor visitante da UNEB Campus XII; Psicólogo – Neuropsicólogo Clínico na Estheticlin – Clínica Médica e Neuropsicologia; Terapeuta Comportamental, PhD em Psicologia pela Université Sorbone – Paris – França. Email: arthurpradonetto@gmail.com

Bahia (UNEB). Realizamos um estudo de caso com uma menina de nome A.V⁴. de 10 anos de idade, residente no Bairro Monte Pascoal no município de Guanambi - BA, a mesma está cursando o 4º ano do Ensino Fundamental na Escola J. F. C⁵. e segundo informações apresenta sérios problemas de aprendizagem.

A escolha da criança aconteceu devido o contato de uma das pesquisadoras com diversas crianças com problemas e/ou dificuldades de aprendizagem no Projeto Monte Pascoal⁶ (atualmente Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo) durante onze anos e a partir de uma conversa com a atual coordenação que apresentou alguns nomes, dentre eles o de A.V. que foi aluna da pesquisadora aos cinco anos de idade na Educação Infantil e já apresentava problemas de aprendizagem.

Nosso objetivo com o referido trabalho, além de cumprir com essa etapa da especialização, o estágio clínico e supervisionado, é identificar e compreender os possíveis problemas de aprendizagem que interferem no desenvolvimento cognitivo da criança em questão. Bem como apresentar, diante das observações feitas e análises com suporte nos teóricos estudados ao longo do curso, possibilidades de intervenção para que essa criança tenha condição de se desenvolver nos campos cognitivo, social, afetivo, psicológico, motor e familiar.

Metodologia

Para a realização do trabalho utilizamos a pesquisa qualitativa, que para Rey (2005, p. 81)

[...] representa um processo permanente dentro do qual se definem e se redefinem constantemente todas as decisões e opções metodológicas no decorrer do próprio processo de pesquisa, o qual enriquece de forma constante a representação teórica sobre o modelo teórico em desenvolvimento.

Dentro da abordagem qualitativa fizemos uso do estudo de caso que “tem por objetivo a obtenção de conhecimento aprofundado de uma realidade delimitada” (TRIVIÑOS, 1990 apud FARIA, CUNHA e FELIPE, 2007 p. 37) que nos permitiu uma compreensão maior do

⁴ Utilizamos letras iniciais do nome do sujeito para preservar sua identidade.

⁵ Utilizamos letras iniciais do nome da escola para preservar a identidade da instituição.

⁶ A princípio, o que hoje recebe o nome de Serviço de Convivência e Fortalecimento de Vínculo era o Projeto Monte Pascoal e Sol Nascente, uma instituição sem fins lucrativos vinculada à Paróquia de Santo Antônio desde o ano 2000, tendo como missão promover crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, com ações que visavam a construção da dignidade da pessoa humana.

objeto estudado, pois “o estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos” (YIN, 2001, p.19).

Sabendo que a entrevista é um encontro entre duas ou mais pessoas, a fim de que se obtenha informações a respeito de determinado assunto, mediante uma conversação de natureza profissional, e que esta se constitui de vários tipos, nós optamos pela entrevista semiestruturada que permite tanto ao entrevistado quanto ao entrevistador acrescentar ou retirar questões e afirmações que julgarem convenientes. Essa entrevista foi direcionada à professora da menina com o intuito de tomar conhecimento de como A.V. age e reage na escola e na sala de aula e também realizamos a anamnese⁷ com a mãe.

Para compreendermos as problemáticas que interferem no processo de ensino e aprendizagem da garota realizamos as provas operatórias que segundo Sampaio “permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação à sua idade cronológica, ou seja, um obstáculo epistêmico” (2014, p. 41), utilizamos também as provas projetivas que como afirma Visca (2011, p. 21) seu principal objetivo é “investigar a rede de vínculos que um sujeito pode estabelecer em três grandes domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo”. Nessa perspectiva, Schettini (2013, p. 86) diz que

Dentre as formas de expressão dos conteúdos internos, o desenho aparece como uma das mais ricas e eficientes. Através dele, a criança manifesta não apenas aspectos conscientes da sua criatividade, mas também conteúdos inconscientes. Compreendendo o sentido do desenho, podemos ter acesso ao que a criança não quer ou não pode dizer diretamente. Dessa forma, o desenho possibilita a aproximação do que é subjetivo com o mundo concreto da criança.

E por fim, fizemos algumas provas pedagógicas, visto que é necessário “uma avaliação mais ampla sobre o sujeito avaliado no intuito de conhecê-lo melhor e coletar mais dados para posterior intervenção” (SAMPAIO, 2014, p.123) e para isso oferecemos muitos materiais desde jogos pedagógicos e lúdicos (quebra-cabeças diversos, dominós: alfabeto, palavras, frases e o dominó convencional, pega vareta, jogos da memória, uno, letras e números móveis, jogos de trilha e tantos outros) a livros de história com recursos audiovisuais e outros mais simples.

⁷ Segundo Sampaio (2014, p. 143) a anamnese “tem como objetivo resgatar a história de vida do sujeito e colher dados importantes que possam esclarecer fatos observados durante o diagnóstico, bem como saber que oportunidades este sujeito vivenciou com estímulo a novas aprendizagens”.

Após a coleta de informações a partir das provas aplicadas levantamos hipóteses e analisamos tudo que foi observado cautelosamente. A partir daí estruturamos nosso trabalho abordando o perfil da criança pesquisada, os problemas de aprendizagem que ela apresenta, o olhar do psicopedagogo, o encaminhamento para o psicólogo e as considerações finais.

Aspectos da E.O.C.A. (Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem): perfil da criança

Segundo Sampaio (2014, p. 35) o objetivo da E.O.C.A., primeiro momento com a criança, é:

[...] investigar os vínculos que ela possui com os objetos e os conteúdos da aprendizagem escolar, observar suas defesas, condutas evitativas e como enfrenta novos desafios. Visa perceber o que a criança sabe fazer e aprendeu a fazer.

Investiga a forma de aprendizagem do indivíduo. É um momento muito importante e significativo. Em meio a vários elementos como: livros, jogos, massinhas, lápis de cor, lápis de escrever, giz de cera, papéis, revistas, tesoura, borracha, canetinhas e outros materiais a garota A.V. deu preferência aos livros de histórias, principalmente aqueles que já eram conhecidos por ela e/ou aqueles que apresentavam maior riqueza de detalhes (alto-relevo, sonoros, coloridos, com maior número de imagens, etc). A.V. fez a pseudoleitura dos livros que escolheu e sempre mostrava a página que estava lendo, o interessante é que sempre usava a expressão “*iantes, depois*” no decorrer da leitura, é como se ela estivesse usando “*aí*”, “*logo depois*”, “*em seguida*”. Sua expressão facial era de desconfiança e tristeza.

Nesse primeiro encontro, quando A.V. deixou os livrinhos de história realizamos questionamentos do tipo nome da professora, série, religião, data de nascimento, entre outras e ela não soube responder boa parte delas, no final resolveu fazer um desenho, desenhou uma igreja e disse que o nome daquela igreja era Jesus.

Percebemos que a menina tem um desejo muito grande em ler, tanto que realizou a pseudoleitura dos livros que escolheu, porém é bastante desatenta, se dispersa com facilidade, apresenta baixa autoestima bastante acentuada e fantasia o mundo. Apresentou muita resistência no quesito produção, custou para que ela resolvesse produzir um desenho. Esse comportamento nos mostra que A.V. possivelmente tenha um vínculo negativo com a escola.

Vínculo segundo Pichon-Rivière (2007) é uma estrutura complexa de relação que vai sendo internalizada e que possibilita ao sujeito construir uma forma de interpretar a realidade própria de cada um. Na vivência com os outros nós nos constituímos por meio de uma história vincular que vai se tecendo nessa relação.

Problemas de aprendizagem manifestados por A.V.

No decorrer da aplicação das provas operatórias, projetivas e pedagógicas percebemos inúmeros elementos característicos de problemas de aprendizagem que possivelmente acometem a menina A.V. e interferem no seu processo ensino e aprendizagem. Visto que *problemas de aprendizagem* referem-se a situações difíceis enfrentadas pelas crianças ditas “normais” e pelas crianças com um desvio no quadro da normalidade. Podem ocorrer tanto no início como durante o período escolar e em situações diversificadas para cada aluno, pois influenciam no comportamento do mesmo, por manifestar alterações na aprendizagem modificando a condição de ser do sujeito, uma vez que esse pode sentir-se frustrado diante dos colegas, desmotivado, ou até mesmo ansioso por não conseguir participar desse processo de construção do conhecimento (FERRARI, 2012). Nessa direção, Paz *apud* José (2008, p. 23) diz que

[...] podemos considerar o problema de aprendizagem como um sintoma, no sentido de que o não-aprender não configura um quadro permanente, mas ingressa numa constelação peculiar de comportamentos, nos quais se destaca como sinal de descompensação.

Dentre os problemas de aprendizagem que observamos temos a desatenção, falta de concentração, baixa autoestima, pensamento desorganizado, falta de desejo pela aprendizagem escolar⁸, apatia, vínculo negativo com a escola e com o objeto do conhecimento, sentimento de inferioridade, possível vínculo negativo com a casa, não conhece e/ou não escreve todas as letras (nível pré-silábico), insegurança, vínculo negativo com o que produz (desenho), resistência em fazer aquilo que lhe é proposto, dificuldade em lidar com regras, possível dislexia, características cognitivas semelhantes às características da mãe – problemas de aprendizagem de ordem hereditária.

⁸ Esse desejo só é expresso no que se refere à leitura de livros de histórias infantis, pois ela aparenta realizar-se através do mundo da fantasia e da imaginação.

Quando falamos em vínculo negativo com a escola e com o objeto do conhecimento nos referimos ao que a garota A.V. manifestou em seus desenhos e ao que Rivière (2007, p. 31) diz:

O vínculo é um conceito instrumental em psicologia social que assume uma determinada estrutura e que é manejável operacionalmente. O vínculo é sempre um vínculo social, mesmo sendo com uma só pessoa; através da relação com essa pessoa repete-se uma história de vínculos determinados em um tempo e em espaços determinados.

Daí a nossa hipótese de vínculo negativo estabelecido com a escola e com a casa, pois nos desenhos ela representou, num primeiro momento, uma pessoa que ensina (Figura 1) distante das pessoas que aprendem, sem rosto e sem os pés. Noutro momento representou sua casa com aspecto sombrio, sem vida (Figura 2) e sua família “meio onde se constroem as aprendizagens mais fundamentais” (VISCA, 2011, p. 140) ela separou meninos e meninas deixando no centro as autoridades, pai (padrasto) e mãe (Figura 3).

Figura 1 – Par educativo (desenho de uma pessoa que ensina e outra que aprende).



Fonte: elaborado por A.V.

Figura 2: A planta da minha casa



Fonte: elaborado por A.V.

Figura 3: Família educativa



Fonte: elaborado por A.V.

Além disso, outro elemento característico dos problemas de aprendizagem manifestados por A.V. e que nos leva à hipótese de que ela possivelmente tenha dislexia está no fato dela não decodificar os símbolos gráficos, bem como não escrever convencionalmente (principalmente palavras simples e que fazem parte do seu cotidiano), até seu próprio nome ela escreve de forma mecânica e também não reconhece todas as letras do alfabeto.

Dislexia: conceito e características

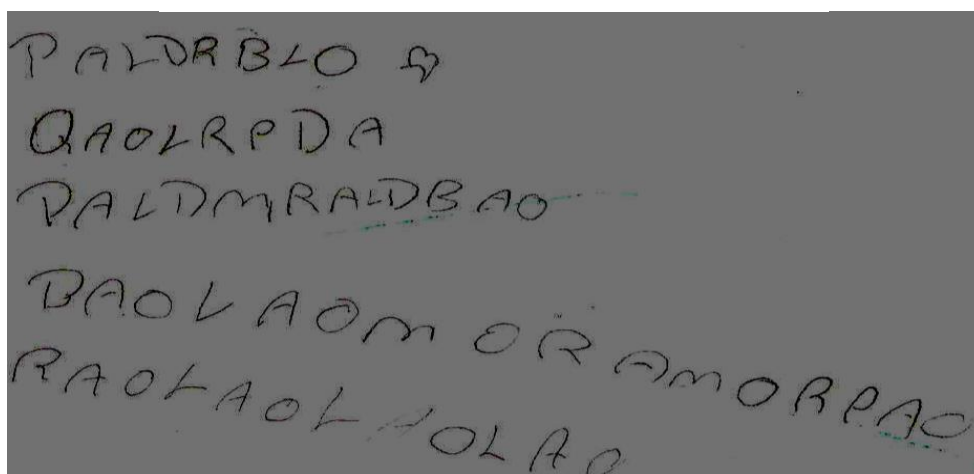
Freire (1989) afirma que a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele. A partir da leitura do mundo (leitura global) o sujeito adquire mecanismos que o tornam capaz de ler convencionalmente (decodificar e compreender) o que está escrito. Diante desse quesito abordaremos aqui o conceito e as características da dislexia, visto que A.V. traz elementos que a enquadram nesse perfil.

José e Coelho (2008, p 84) afirmam que a dislexia é “um tipo de distúrbio de leitura que colocamos como causa porque provoca uma dificuldade específica na aprendizagem da identificação dos símbolos gráficos”. Já Farrell (2008, p.30) diz que “a dislexia é uma dificuldade de leitura, escrita e ortografia indicada por um desempenho em letramento inferior à média para a idade”, enquanto que Alves (2011, p. 31) conceitua esse problema de aprendizagem como “um transtorno específico de aprendizagem da leitura comprovadamente de origem neurobiológica caracterizado pela dificuldade na habilidade de decodificação e soletração, fluência e interpretação”.

A.V. ao longo da pesquisa demonstrou aversão à escrita e mesmo expressando desejo pela leitura não a faz de forma convencional, faz apenas a pseudoleitura e quando era indagada acerca do que estava lendo externava certa agressividade e mudava de assunto. Quando solicitávamos a escrita de algo ela resistia bastante. Todas essas características, dentre outras, são características da dislexia. Quando aplicamos as provas pedagógicas realizamos um ditado de palavras para observarmos o nível de escrita: mostrou resistência para escrever, a escrita não correspondia às palavras ditadas, apenas a letra inicial das três primeiras palavras eram correspondentes.

As palavras foram: PÃO, QUEIJO, PRESUNTO, REFRIGERANTE e a frase: GOSTO DE COMER SANDUÍCHE NO LANCHE. Quando pedimos para que ela realizasse a leitura das palavras só leu, ou pelo menos lembrou, das três primeiras (pão, queijo e presunto). Usou muitas letras para escrever todas as palavras, principalmente refrigerante, e a frase também. O realismo nominal⁹, característica do nível pré-silábico¹⁰, se fez presente na escrita de A.V., deixando em evidencia o nível em que ela se encontra.

Figura 4: Ditado de palavras e frase.



Fonte: elaborado por A.V.

Farrell (2008) apresenta uma lista de elementos característicos da dislexia: a pessoa hesita nas palavras, faz confusões e omissões, comete erros referentes a palavras semanticamente relacionadas e polissílabas e à gramática, incluindo o uso inadequado dos tempos verbais, evita escrever, tem dificuldade para fazer cópias do quadro, possui um estilo de escrita manual inadequado, sentem dificuldades com as terminações ar, er e or das palavras e com certos sons (como s e z), tende a escrever foneticamente, a omitir o meio ou o final da palavra, escreve letras ou sílabas na sequência errada.

⁹ Ferreiro (1985 p. 184) chama realismo nominal, quando “a criança espera que a escrita dos nomes de pessoas seja proporcional ao tamanho (ou idade) dessa pessoa, e não o comprimento do nome correspondente”.

¹⁰ Em linhas gerais, é a fase inicial da apropriação da escrita. A criança nesse momento usa grafismos que procuram reproduzir as letras, não as diferenciando dos desenhos. Entretanto, a característica fundamental deste nível, é que não há uma correspondência entre o registro gráfico e o aspecto sonoro da fala. Essas características do nível pré-silábico são as ações das crianças frente à escrita. O nível pré-silábico apresenta-se pela ocorrência de duas hipóteses e/ou níveis diferentes, 1 e 2. Num primeiro estágio, a criança tem uma hipótese explicativa de que desenhar e escrever são a mesma coisa e a interpretação da imagem se configura num ato de leitura. Outra característica peculiar desse nível diz respeito à interpretação do escrito, pois, somente quem escreveu pode interpretar o que está escrito. No segundo nível, a hipótese é a seguinte: “para poder ler coisas diferentes (isto é, atribuir significados diferentes) deve haver uma diferença objetiva nas escritas” (FERREIRO, 1985, p. 188). O aprendiz usa as mesmas letras para escrever palavras diferentes, porém, em outra ordem.

Diante dessa gama de características nos cabe indagar: quais os fatores causais da dislexia? E ainda comungando das ideias de Farrell (2008, p.32) que afirma que:

Entre os fatores associados à dislexia estão dificuldades fonológicas, dificuldade de processamento da informação, memória e coordenação, dificuldades organizacionais, problemas de sequencialização e orientação, dificuldades visuais e de processamento auditivo.

Em meio a todas as evidências de que a garota A.V. possivelmente tenha dislexia nós a encaminhamos para uma avaliação psicológica visto que ela apresenta uma série de outros fatores que comprometem seu processo ensino e aprendizagem.

O olhar do psicopedagogo: algumas considerações

Quanto a avaliação das provas operatórias percebemos o nível cognitivo da garota que demonstrou pouco ou nenhum interesse na realização das provas. Na maioria delas A.V. se classifica no nível 1, pois não faz conservações e/ou no nível 2 (ora conserva ora não conserva), demonstrou muita dificuldade para classificar, seriar, manter a ordem sequencial, observar e compreender as mudanças feitas ao longo do processo de aplicação das provas, bem como não compreende o que é inclusão nem intersecção. Ao longo das provas ela se mostrava muito inquieta e sempre pedia para ler um livro. No final dos encontros ela sempre escolhia um livro para ler, quer dizer, para realizar a pseudoleitura ou leitura de imagens. Ela sempre escolhia os livros com mais imagens, os mais coloridos e/ou com riqueza de detalhes visuais e até sonoros.

Com as provas projetivas foi possível investigar a rede de vínculos que a garota A.V. estabelece com a escola, com a família e consigo mesma. Através dos desenhos ela expressa um vínculo negativo com a escola e também não tem os pés no chão. Pega no lápis com muita força e não se preocupa com a qualidade do desenho. Ela não se enxerga como parte da escola, não se desenha, tem uma imagem negativa de si mesma. Além disso, ela não se concentra e não consegue seguir regras. Apresenta também um possível vínculo negativo com sua casa e/ou com a sua família. Em outros momentos A.V. externou que não tem noção de tempo, vive no mundo da fantasia, num mundo imaginário que ela cria como fuga do mundo real, manifesta insegurança ao apagar tantas vezes, os desenhos não têm muita vida, são meio apagados.

Outra característica interessante e que é própria da sua idade cronológica é que ela separa meninos e meninas deixando no centro as autoridades. Demonstra complexo de inferioridade, pois ela não se desenha em meio a outras crianças do seu meio social e escolar, deixando à vista que há um vínculo negativo consigo mesma. Fantasia um mundo só para ela e viaja nele tornando-o real diante dos seus olhos.

No tocante às provas pedagógicas foi possível verificar que A.V. encontra-se no “nível pré-silábico”, não tem interesse em realizar atividades de caráter escolar ou que envolva escrita, pois ela sente-se envergonhada por não dominar a escrita e se irrita com isso. Ela tem muita dificuldade para lidar com regras e se irrita ficando até agressiva por não dominar essa situação.

Ela não reconhece nem escreve todas as letras do alfabeto, é desatenta, seu pensamento é bastante desorganizado, não pára para refletir e dar respostas pensadas, não demonstra desejo pela aprendizagem escolar, tem muita dificuldade para se concentrar, manifesta sentimento de inferioridade e também muita apatia, não aceita perder num jogo, manifesta insegurança, tem um vínculo negativo com o que ela produz (desenho), tem resistência em fazer aquilo que lhe é proposto, tem um desejo enorme de ler, se encanta com os livros de história, pois eles aguçam o mundo da fantasia. Nesse momento arrisco a possibilidade dela ser “*disléxica*”.

Diante das provas realizadas e das evidências de que a garota A.V. possivelmente tenha dislexia sugerimos que neste ano de 2015 ela seja acompanhada por uma equipe multifuncional composta por psicólogo/a para que ela tenha condição de superar sua demanda emocional, psicológica e afetiva, por psicopedagogo/a para ajudá-la nas questões pedagógicas, por um/a neuropediatra para avaliar as questões neurológicas e também por um/a terapeuta ocupacional e/ou de grupo para que ela se perceba parte integrante e importante de um grupo.

Além disso, é preciso que a família e a escola tomem algumas providências como: aulas mais lúdicas, utilização de materiais didáticos que agucem o desejo pela aprendizagem escolar, elogiá-la, pois os elogios estimulam, evitar julgamentos pejorativos que possam ferir o seu processo ensino-aprendizagem, dar condição para que ela desenvolva a sua criatividade através da sua imaginação fértil, oferecer a ela livros e jogos diversos que estimulem a sua

aprendizagem, oportunizá-la momentos em que ela possa usufruir do seu “ser criança” (brincar, correr, se divertir).

Referências

ALVES, Luciana Mendonça; MOUSINHO, Renata; CAPELLINI, Simone (org.). **Dislexia: novos temas, novas perspectivas**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2011.

Freire, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. São Paulo: Autores Associados: Cortez, 1989. (Coleção polêmicas do nosso tempo).

FARIA, Ana Cristina de; CUNHA, Ivan da; FELIPE, Yone Xavier. **Manual Prático para elaboração de monografias: trabalhos de conclusão de curso, dissertações e teses**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

FARRELL, Michael. **Dislexia e outras dificuldades de aprendizagem específicas: guia do professor**. Porto Alegre: Artmed, 2008.

FERRARI, Rosane de Fátima (org.). **Psicopedagogia em Debate II** [recurso eletrônico]. Frederico Westphalen, RS: URI-Frederico Westph, 2012. 131 p. (Série Pesquisa em Ciências Humanas; v.7).

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1985.

JOSÉ, Elizabete da Assunção; COELHO, Maria Tereza. **Problemas de aprendizagem**. 12 ed. São Paulo: Ática, 2008 (Série Educação).

PICHON RIVIÈRE, Enrique. **Teoria do Vínculo**. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

REY, Fernando González. **Pesquisa Qualitativa e Subjetividade: os processos de construção da informação**. São Paulo: Pioneira Thonson Learning, 2005.

SCHETTINI, Luiz Filho. **A criança de 6 a 10 anos: na família e na escola**. 2 ed. Recife: Bagaço, 2013.

SAMPAIO, Simaia. **Manual Prático do Diagnóstico Psicopedagógico Clínico**. 5. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2014.

VISCA, Jorge. **Técnicas Projetivas Psicopedagógicas e Pautas Gráficas para sua Interpretação**. 3 ed. Buenos Aires: Visca & Visca, 2011.

YIN, Robert. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2.ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.